

REVISTA
**DIÁLOGO
EDUCACIONAL**

periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional



PUCPRESS

A função desideologizante da Pedagogia Histórico-Crítica

The De-ideologizing Function of Historical-Critical Pedagogy

La Función Desideologizadora de la Pedagogía Histórico-Crítica

Maycon Henrique da Silva ^[a] 

Marechal Cândido Rondon, PR, Brasil

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Paulino José Orso ^[b] 

Cascavel, PR, Brasil

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Como citar: SILVA, M. H. da; ORSO, P. J. A função desideologizante da Pedagogia Histórico-Crítica. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, PUCPRESS, v. 26, n. 88, p. 15-26, dez. 2026. <https://doi.org/10.7213/1981-416X.26.088.DS01>

Resumo

O presente artigo é uma síntese da pesquisa sistematizada em forma de dissertação publicada em fevereiro de 2025. O objetivo é retomar as discussões sobre o conceito de ideologia no campo do marxismo e, a partir dos pressupostos do materialismo histórico-dialético (MHD) e da pedagogia histórico-crítica (PHC), explicitar o caráter anti-ideológico desta teoria pedagógica ou, conforme sugere o título do artigo, a sua função desideologizante. Primeiramente, o texto aborda o conceito de ideologia a partir dos escritos de Marx e Engels, em seguida trata da importância do posicionamento da PHC enquanto uma teoria marxista da educação e evidencia os elementos que a distinguem das concepções pedagógicas burguesas. Ao final, reafirma o compromisso social da PHC com a transformação social, e conclui que uma das contribuições fundamentais da PHC consiste na oposição à todas as expressões do pensamento ideológico e a formação da consciência crítica da classe trabalhadora.

Palavras-chave: Educação. Marxismo. Ideologia. Desideologização. Pedagogia Histórico-Crítica.

^[a] Doutorando em Educação, e-mail: maycon.mhs@gmail.com

^[b] Doutor em Educação, e-mail: paulino.orso@unioeste.br

Abstract

This paper is a synthesis of the research systematized in the master's dissertation(2025). The goal is to revisit discussions on the concept of ideology in the field of Marxism and, based on the assumptions of dialectical historical materialism (DIAMAT) and historical-critical pedagogy (HCP), to explain the anti-ideological character of this pedagogical theory or, as suggested, its de-ideologizing function. Firstly, it is defined the concept of ideology based on the writings of Marx and Engels. Then, it is addressed the importance of the explicit positioning of HCP as a Marxist theory of education and highlight the elements that distinguish it from bourgeois pedagogical conceptions. Ultimately, it is reaffirmed HCP's social commitment to social transformation and conclude that one of HCP's fundamental contributions is to oppose all expressions of ideological thought and to form critical consciousness in the proletariat.

Keywords: *Education. Marxism. Ideology. De-ideologization. Historical-Critical Pedagogy.*

1. Introdução

Há muito tempo a humanidade tem debatido sobre a questão da formação do pensamento e da racionalidade. Talvez, uma das frases mais conhecidas sobre este assunto seja: “penso, logo existo”, do filósofo e matemático René Descartes (1596-1650). A frase produzida pelo pensador francês aponta para a supremacia do pensamento sobre a existência. Nessa perspectiva, por ser capaz de pensar e de racionalizar sobre si e sobre o mundo a sua volta, o homem teria a prova da sua própria existência.

Contudo, podemos, ainda hoje, considerar esta premissa adequada? É o pensamento que define a existência ou a existência que define o pensamento? De onde vêm nossas crenças e valores, nossa moral e nossa ética, nossa forma de ver o mundo e nos comportamos nele? Estas e outras indagações estão presentes na história humana desde os primórdios, ora mais acentuadas pela conjuntura social, ora mais retraídas e limitadas a grupos específicos.

O tempo histórico em que vivemos nos convoca a retomar esta discussão com um rigor teórico ainda maior e um compromisso social inabalável. As ondas de obscurantismo e de negacionismo científico atreladas a um projeto de dominação permanente da classe dominante estão provocando uma catástrofe civilizatória que aponta para um estágio de irreversibilidade, caso a rota não sofra uma guinada radical.

O pensamento, as ideias, as visões de mundo e o conhecimento são elementos diretamente ligados ao ato educativo. Segundo Saviani, a educação está atrelada ao trabalho imaterial e, mais especificamente, àquele cujo produto não se separa do produtor, “nesse sentido, um livro é material, mas o que ele contém são ideias, são teorias, portanto algo imaterial” (Saviani, 2011, p. 90). Contudo, tanto a produção quanto a socialização deste “produto” imaterial se dão a partir de condições materiais e de elementos constitutivos da realidade objetiva. Esta constatação nos remete, inevitavelmente, ao conceito de ideologia.

De acordo com a pesquisa já mencionada, o debate em torno da ideologia é muito vasto no campo das ciências sociais e da educação (Silva, 2025, p. 13). Mesmo entre os pensadores marxistas, não há consenso em relação à definição de ideologia. Em grande medida, constata-se duas grandes vertentes conceituais, uma que entende a ideologia como o conjunto de ideias e valores dos indivíduos e dos diferentes grupos sociais, e outra, na perspectiva de Marx e Engels, que se expressa na forma de ideias parciais, equivocadas e falsas acerca da realidade.

Portanto, retomar esses autores é uma tarefa essencial. Eles, historicamente, ocuparam-se da questão da ideologia e extraíram da própria realidade histórica os elementos que a constituem. A crítica ao pensamento até então existente, produzida pelos pensadores em *A ideologia alemã* (1932), também é encontrada em suas demais obras, formando um divisor de águas no pensamento filosófico ocidental.

Dentre as duas vertentes conceituais que mencionamos sobre ideologia, Marx e Engels estão vinculados à segunda concepção. Para os autores, o pensamento ideológico é um instrumento de dominação de uma classe sobre a outra, é a “imagem de cabeça para baixo como numa câmera escura” (Marx; Engels, 2007, p. 94), expressão da imposição da classe dominante no campo do pensamento.

Sendo, pois, a pedagogia histórico-crítica uma teoria pedagógica marxista, ao nos apropriarmos de seus fundamentos e implementarmos os seus pressupostos em nossa prática pedagógica, podemos constatar a função social que ela desempenha no âmbito da educação e da sociedade. Para além de uma discussão meramente teórica e restrita ao mundo das ideias, precisamos identificar quais são as implicações reais e objetivas de se adotar uma perspectiva pedagógica marxista.

Nesse sentido, na medida em que os fundamentos da PHC são os pressupostos do MHD, esta teoria pedagógica cumpre um papel essencial na luta contra o pensamento ideológico e pode instrumentalizar os indivíduos no desenvolvimento de uma consciência crítica, que desvele a realidade e compreenda o mundo como de fato é, com o objetivo de transformá-lo.

2. Marx e Engels e a questão da ideologia

Por mais que o tema ideologia tenha se difundido mais amplamente após os estudos de Marx e Engels, não foram eles os primeiros a usarem essa terminologia. A história revela que Antoine-Louis-Claude Destutt de Tracy (1754-1836) foi o primeiro intelectual a produzir uma concepção de ideologia no contexto da Revolução Francesa. O autor se propunha a compreender o modo como as ideias, os conceitos e as visões de mundo eram produzidas no pensamento humano.

Tracy atribuiu seus estudos sobre a formação e elaboração das ideias dos seres humanos a uma subdivisão da zoologia. Para o estudioso francês as ideias eram formadas na cabeça dos homens a partir de sua relação com a natureza, portanto, esse processo era orgânico, metabólico e deveria se tornar uma ramificação das ciências da natureza (Lowy, 1985, p. 15).

À medida em que a escola de Tracy foi aumentando e produzindo seguidores, Napoleão Bonaparte hostilizou seus estudos afirmando que essas análises eram inúteis, pois não produziam nada materialmente e não agregavam nada ao desenvolvimento social. O imperador chamava esses pensadores de “ideólogos”, que viviam no mundo das ideias, distantes da realidade, ou, em outras palavras, em um mundo paralelo (Lowy, 1985, p. 15).

A concepção napoleônica sobre os ideólogos e a questão da ideologia se tornou hegemônica naquele contexto. Contudo, é na obra *A ideologia Alemã* que Marx e Engels atribuem à ideologia um sentido inédito, preciso e científico.

Pode-se dizer que a *A ideologia alemã* demarca, historicamente, o nascimento de um método científico inovador, o materialismo histórico-dialético. É no mínimo curioso perceber que a obra que introduz as bases do método de Marx e Engels tenha como uma das principais categorias de análise a ideologia.

Ao se defrontar com os chamados jovens hegelianos e evidenciar o caráter idealista de seu pensamento Marx e Engels afirmam que,

Totalmente ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se eleva da terra ao céu. Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. (...) Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência (Marx; Engels, 2007, p. 94).

A formação do pensamento, em Marx e Engels, não é resultado de mera elucubração ou crença dos pensadores de determinada sociedade, não consiste em uma iluminação intelectual divina que pré-determina a ordem das coisas no plano material; ao contrário, são as condições materiais e as relações entre os homens que constituem o modo de pensar de uma sociedade.

Ora, em uma sociedade cuja produção da vida dos homens está dividida em classes antagônicas e uma dessas classes exerce domínio sobre a outra, as ideias, os conceitos, a visão de mundo dos dominados são aqueles impostos pela classe que os domina. De acordo com os autores,

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação (Marx; Engels, 2007, p. 47).

É a esse pensamento hegemônico, que nasce da correlação de forças entre as classes e impõe a visão de mundo da classe dominante, que Marx e Engels chamam de ideologia. Portanto, do ponto de vista marxiano, a ideologia não é qualquer forma de pensar, tampouco se trata dos diferentes pontos de vista dos grupos sociais. O pensamento

ideológico possui características específicas que não “descem do céu à terra”, mas que se manifestam a partir das relações concretas de dominação de uma classe sobre a outra.

Não podemos, porém, relacionar diretamente a ideologia à mentira ou ao mero falseamento das ideias. Se assim fosse, o pensamento ideológico seria facilmente diluído e desmentido diante da exposição da verdade e não se estabeleceria como dominante por muito tempo. A ideologia possui características complexas que nublam a compreensão do mundo como ele de fato é. Nas palavras de Marx e Engels, “se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu processo histórico de vida, da mesma forma como a inversão dos objetos na retina resulta de seu processo de vida imediatamente físico.” (Marx; Engels, 2007, p. 94).

O pressuposto materialista do pensamento de Marx aponta para a objetividade da verdade, ou seja, para o autor, a verdade não está no pensamento dos indivíduos, mas na sua relação com a realidade objetiva. Neste sentido, o papel da ciência é capturar as múltiplas determinações dos objetos reais para que a passagem do concreto real para o concreto pensado seja possível.

Contudo, a aparência dos objetos ou a mera descrição de como eles aparecem nas relações sociais não são suficientes para uma assimilação fidedigna de sua essência. Há que se investigar as conexões mais íntimas que os compõem, identificando as categorias e as mediações que os constituem como objetos reais. “O método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado.” (Marx, 2011, p. 55).

Portanto, a verdade em Marx é objetiva, e pode ser compreendida a partir do método que permita ir além das aparências. Para ele, “as verdades científicas são sempre paradoxais quando julgadas pela experiência de todos os dias, que somente capta a aparência enganadora das coisas.” (Marx, 2013, p. 101). Logo, o papel da ciência é romper com a cotidianidade e com a “aparência enganadora das coisas” rumo à sua essência, pois, do contrário, “toda ciência seria supérflua se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente.” (Marx, 2013, p. 838).

Assim, podemos afirmar que a ideologia possui uma dimensão de falseamento e de ocultamento da realidade, mas não apenas isso. De acordo com Iasi, Marx estabelece cinco elementos que caracterizam o pensamento ideológico: ocultamento/velamento, inversão, naturalização, justificativa e apresentação do particular como se fosse universal. Sem estas dimensões, segundo o autor, o conceito marxiano de ideologia se esvazia (Iasi, 2014, p. 113).

Estas características expressam a complexidade do pensamento ideológico. Não se trata de um conjunto de mentiras propagadas pela classe dominante, mas sim de uma visão invertida de um mundo invertido. Nesse sentido, ao tratar da ideologia religiosa, Marx afirma: “Esse Estado e essa sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido” (Marx, 2005, p. 145).

A ideologia é o pensamento que chancela, justifica e naturaliza toda uma organização social baseada na exploração, nas desigualdades, nos preconceitos, na xenofobia, no machismo, no moralismo. Ela tenta nos convencer de que esse é o único modo de vida possível e atribui à presente ordem social um senso de perenidade e eternidade.

Não por acaso, Marx e Engels intitulam sua obra de *A Ideologia Alemã*. Com isso pretendiam chamar atenção para o fato de que os filósofos alemães da época partiam de uma concepção de consciência invertida. Ao invés de entender a consciência a partir das relações de produção existentes, isto é, da materialidade existente, partiam das ideias, da autoconsciência.

Ocorre que, ao compararmos a concepção marxiana de ideologia com a de outros autores marxistas encontraremos divergências importantes que alteram completamente o sentido deste conceito essencial para a compreensão do método de Marx.

Alguns aspectos do pensamento contido na obra de Marx não foram bem assimilados por vários de seus seguidores. Após a sua morte (1883), Engels se tornou a maior autoridade na defesa das ideias de seu amigo e um profundo combatente dos equívocos que, vez ou outra, surgiam entre os pensadores marxistas. Quando Engels morreu

(1895), a proliferação de mal-entendidos e distorções do pensamento marxiano se agravou consideravelmente. Os teóricos socialistas transpareciam nitidamente os seus limites na compreensão da obra de Marx.

Uma das causas destas distorções foi a publicação tardia de várias obras de Marx e Engels. *A Ideologia Alemã*, por exemplo, demorou 86 anos para ser publicada pela primeira vez. Produzida entre os anos de 1845 e 1846, apenas em 1932 se teve acesso à sua primeira publicação completa, já na União Soviética. Isso significa que uma série de pensadores clássicos do marxismo produziram seus escritos sem ter acesso à essa obra, e em sua maioria, utilizaram o termo ideologia como sinônimo de um conjunto de ideias de determinado grupo social.

O próprio Lênin não dispunha de recursos suficientes para formular uma síntese mais fidedigna do pensamento de Marx. Ele não teve acesso a alguns dos mais notáveis textos de cunho filosófico, como os *Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844*, o texto completo de *A ideologia Alemã* e os *Grundrisse* (Konder, 2002, p. 52).

Devido à impossibilidade de acesso a textos essenciais de Marx e Engels, toda uma série de intelectuais marxistas como Lênin, Gramsci, Luxemburgo, entre outros, mantiveram em seus escritos a concepção mais recorrente de ideologia, a qual se mantém como a mais difundida até os dias de hoje. Para esses autores, ideologia é visão de mundo, são os valores pessoais e subjetivos que orientam a ação do homem no mundo.

Em Lênin, encontramos a ideia de luta ideológica, de embate entre “ideologias”, a da classe trabalhadora e a da classe dominante. O autor afirma que o próprio socialismo “como a ideologia da luta de classe do proletariado, está subordinado à condição geral de nascimento, desenvolvimento e consolidação de qualquer ideologia” (Lênin, 1976, p. 204-205).

Gramsci, por sua vez, também relaciona o conceito de ideologia à visão de mundo. Ao tratar sobre a disputa pela hegemonia no campo do pensamento, da cultura e da educação, o autor considera que todo grande movimento se inicia com uma fase embrionária antes de consagrar grandes nomes e realizar grandes feitos. Nesta fase inicial, os movimentos possuem ideologias difusas, não tão claras, as quais também são importantes para a construção de uma ideologia capaz de se tornar hegemônica (Gramsci, 2017, p. 311).

Estes autores, assim como outros intelectuais marxistas do século XX, adotaram, de acordo com Konder (2002), uma concepção redutivamente sociológica de ideologia. Segundo o autor,

Os marxistas do final do século XIX e sobretudo os do início do século XX, em sua maioria, adotaram uma concepção redutivamente sociológica da ideologia, limitando-se ao esforço de identificar — e denunciar politicamente — as formas diretas mais simples da expressão dos interesses materiais das classes sociais no discurso dos teóricos, nos programas de ação ou na produção artística (Konder, 2002, p. 55).

Sabemos que o conceito de ideologia não era objeto central de discussão desses intelectuais, cada um deles viveu em conjunturas sociais específicas que exigiam um trabalho político e intelectual alinhado às necessidades de seu tempo histórico. Porém, como a história não é linear e o motor que a impulsiona são as contradições sociais e as lutas de classes, os ataques desferidos contra a educação e a escola pública exige que retornemos a temáticas por vezes deixadas de lado. Este é o caso da ideologia.

A onda de negacionismo protagonizada pelos setores conservadores da sociedade produziu acusações descabidas em relação à escola pública, por exemplo. Não raro ouvimos falar de “marxismo cultural”, “doutrinação ideológica”, “ideologia de gênero”, dentre outras falácias que “viralizam” por meio das mídias sociais e convencem boa parte da sociedade.

Seria a PHC apenas mais uma dentre tantas ideologias?

3. Aspectos históricos e fundamentos marxistas da Pedagogia Histórico-Crítica

A história da pedagogia histórico-crítica nos revela elementos importantes para compreendermos a sua função desideologizante. Como já afirmamos, não se trata de uma “disputa conceitual” para averiguarmos o que é ideologia para esta teoria pedagógica. Nosso esforço é encontrarmos, na materialidade, os fundamentos da PHC e da função social que ela desempenha, o modo como a categoria ideologia efetivamente aparece.

No ano de 2026, a Pedagogia Histórico-Crítica completa quarenta e sete anos de história. Suas primeiras formulações se deram em meio ao contexto dos chamados “anos de chumbo”, nos quais, a partir de um golpe militar-empresarial-imperialista, o Brasil vivenciou vinte e um anos de repressão, torturas, mortes e ditadura (1964-1985).

Saviani considera a obra *Escola e Democracia* publicada em 1983 como uma introdução preliminar à *Pedagogia Histórico-Crítica*. Nela consta um conjunto de quatro textos produzidos a partir de uma análise histórica das principais teorias da educação e aponta caminhos para a elaboração de uma teoria verdadeiramente crítica que ainda não havia sido oficialmente nomeada como tal. Os textos são: “As teorias da educação e o problema da marginalidade”, “Escola e Democracia I- A teoria da curvatura da vara”, “Escola e Democracia II- para além da teoria da curvatura da vara” e “Onze teses sobre educação e política”.

Na ocasião, o autor realizou uma análise das principais teorias da educação existentes e as classificou em dois grupos distintos: as teorias não críticas da educação e as teorias crítico-reprodutivistas. Saviani discorre sobre o caráter hegemônico e burguês das teorias que fazem parte do primeiro grupo (Escola Tradicional, Escola Nova e Escola Tecnicista) e expõe os limites da crítica feita pelas teorias do segundo grupo (Teoria do sistema de ensino como violência simbólica, Teoria da escola como Aparelho Ideológico do Estado- AIE-, e a Teoria da escola dualista) (Saviani, 2021, p. 4).

O objetivo do autor era a apontar os elementos constitutivos e os conteúdos necessários de uma pedagogia revolucionária até então inexistente. Para Saviani, esta pedagogia revolucionária

(...) identifica as propostas burguesas como elementos de recomposição de mecanismos hegemônicos e se dispõe a lutar concretamente contra a recomposição desses mecanismos de hegemonia, no sentido de abrir espaço para as forças emergentes da sociedade, para as forças populares, para que a escola se insira no processo mais amplo de construção de uma nova sociedade (Saviani, 2021, p. 46).

Em um contexto de profunda crise social, econômica e educacional em que o que havia de hegemônico no ideário pedagógico brasileiro eram as tendências tradicionais, escolanovistas e tecnicistas, Saviani assume o materialismo histórico-dialético como pressuposto filosófico capaz de subsidiar e respaldar a construção de uma teoria pedagógica revolucionária. Para ele, uma teoria pedagógica marxista não deve apenas identificar os limites da escola capitalista. A própria escola pode contribuir para o surgimento do seu contrário a partir de objetivos claros e conteúdos fundamentais para a emancipação humana.

Penso que a tarefa da construção de uma pedagogia inspirada no marxismo implica a apreensão da concepção de fundo (de ordem ontológica, epistemológica e metodológica) que caracteriza o materialismo histórico. Imbuído dessa concepção, trata-se de penetrar no interior dos processos pedagógicos, reconstruindo suas características objetivas e formulando as diretrizes pedagógicas que possibilitarão a reorganização do trabalho educativo sob os aspectos das finalidades e objetivos da educação, das instituições formadoras, dos agentes educativos, dos conteúdos curriculares e dos procedimentos pedagógico-didáticos que movimentarão um novo *êthos* educativo voltado à construção de uma nova sociedade, uma nova cultura, um novo homem, enfim (Saviani, 2011, p. 24).

A tarefa proposta por Saviani é essencial, porém, nada simples. O ponto de partida para a construção de uma teoria pedagógica revolucionária é a compreensão dos elementos constitutivos do método no qual ela está fundamentada. Em outras palavras, deve se apropriar dos fundamentos do materialismo histórico-dialético e então

traduzi-los para os processos pedagógicos em todos os seus aspectos, com vistas à superação do modo de produção capitalista.

Em um primeiro momento, no qual são elaborados os primeiros textos que constituem o arcabouço teórico da Pedagogia Histórico-Crítica, o autor indica quatro elementos centrais da teoria marxista que o orientam. Os dois primeiros são embasados nas obras de Marx, e nos dois últimos Saviani recorre aos escritos de Gramsci. São eles: 1) a distinção entre a produção material e imaterial para poder compreender a natureza e a especificidade da educação; 2) a compreensão do método da economia política para delimitar o método da PHC, no qual se assume a concepção dialética de ciência em contraposição ao método indutivo de Bacon que inspirou as pedagogias novas; 3) o conceito de catarse como o momento culminante do processo educativo; 4) os indicativos para a elaboração do currículo escolar no qual a história deve ser o eixo norteador de todos os conteúdos de ensino (Saviani, 2011, p. 24-25).

Este caminho de “imersão” nas categorias do método de Marx para produzir uma teoria pedagógica revolucionária conduziu Saviani à compreensão do papel específico que a escola deve desempenhar em meio às lutas de classe: a transmissão do saber objetivo, científico e sistematizado transformado em saber escolar.

De acordo com Saviani, a palavra conhecimento possui três dimensões distintas a partir de sua origem grega: *doxa*, *sophia* e *episteme*. O termo *doxa* diz respeito ao que hoje chamamos de senso comum, trata-se do conhecimento popular reproduzido culturalmente entre as pessoas a partir de crenças, superstições ou experiências individuais. A palavra *sophia* é utilizada para se referir ao conhecimento dos mais velhos, aquele que é adquirido por meio da experiência de vida, são os conselhos dos anciãos às novas gerações. Já o conceito de *episteme* aponta para o saber objetivo, sistematizado, mais elaborado, produzido e acumulado pela humanidade e comprovado cientificamente. Portanto, este último é o tipo de conhecimento que deve ser organizado e transmitido no âmbito da educação escolar (Saviani, 2011, p. 14).

Ao fazer a defesa da objetividade do saber científico que, transformado em saber escolar, deve ocupar a centralidade da função social da escola, Saviani afirma que a objetividade do conhecimento não é sinônimo de neutralidade. “A neutralidade é impossível porque não existe conhecimento desinteressado. Não obstante todo conhecimento ser interessado, a objetividade é possível porque não é todo interesse que impede o conhecimento objetivo. Há interesses que não só não impedem como exigem a objetividade” (Saviani, 2011, p. 8).

Saviani considera que, o que impede ou possibilita a compreensão objetiva da realidade são os diferentes interesses que permeiam a sociedade em que vivemos. No caso da classe trabalhadora é interessante que, a partir das determinações históricas, conheça-se a realidade como ela é de fato, a fim de transformá-la. A classe dominante, por sua vez, tem o interesse de esconder, encobrir e distorcer essas determinações, pois, pretende permanecer como classe hegemônica.

A Pedagogia Histórico-Crítica, portanto, tem o objetivo claro de socializar o saber objetivo, sistematizado e historicamente produzido pela humanidade. Esta defesa, de acordo com Saviani, é o que torna a PHC uma teoria que supera o pensamento burguês moderno e a caracteriza como uma teoria marxista da educação partindo de duas premissas importantes:

O empenho em compreender e explicar a problemática educativa a partir dessa concepção superadora do pensamento burguês moderno, eis o que se configura como uma teoria marxista da educação. Tal teoria claramente realista, em termos ontológicos, e objetivista, em termos gnosiológicos, move-se no âmbito de dois princípios fundamentais: 1. As coisas existem independentemente do pensamento, com o corolário: é a realidade que determina as ideias e não o contrário; 2. A realidade é cognoscível, com o corolário: o ato de conhecer é criativo não enquanto produção do próprio objeto de conhecimento, mas enquanto produção das categorias que permitam a reprodução, em pensamento, do objeto que se busca conhecer (Saviani, 2011, p.21).

Fundamentado em um método superior, distinto daquele utilizado pelo pensamento burguês, chamado por Marx de método cientificamente exato (Marx; Engels, 1973, p. 258), Saviani defende a primazia da realidade sobre o

pensamento e afirma que é possível conhecer o mundo real objetivamente, extraíndo dele próprio suas categorias de análise. Nas palavras de Marx:

O concreto é concreto, porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação (Marx; Engels, 1973, p. 258-259).

Sendo assim, para o materialismo histórico-dialético e para a PHC, as ideias, as representações, as abstrações, as teorias, as visões de mundo, não surgem no pensamento dos homens como um passe de mágica. O conhecimento, bem como os demais elementos da cultura, é produzido historicamente a partir de relações humanas reais e concretas, a partir do modo como os homens produzem sua própria existência.

Diante do exposto, o que nos parece é que, a partir de seus fundamentos históricos, políticos e filosóficos, a própria PHC produz para si mesma uma concepção de ideologia e esta não poderia ser outra senão a produzida por Marx e Engels.

Se damos razão aos pensadores alemães, a ideologia tem a função de escamotear a realidade a fim de que não a enxerguemos como de fato é. Em outras palavras, a ideologia é o véu que nubla a objetividade, que impede a grande massa de enxergar as contradições, a exploração, a miséria, a manipulação, a destruição e todo o caos instalado pelo presente modo de produção.

Sendo assim, nem o marxismo, nem a PHC podem ser considerados como “ideologias da classe trabalhadora”. Ao contrário, são instrumentos de desvelamento da realidade que expressam com maior fidedignidade o movimento do mundo real, portanto, são teorias desideologizantes.

4. A Pedagogia Histórico-Crítica e a sua função desideologizante

A palavra “desideologização” ou “desideologizante” pode, quem sabe, causar alguma estranheza ao leitor. São, de fato, expressões encontradas muito raramente na produção teórica mais conhecida, todavia nos deparamos com elas em alguns poucos estudiosos.

Geralmente os autores utilizam os termos “anti-ideologia” como faz Manheim (1929), “contra-ideologia” conforme Chauí (2008) e Lowy (2000), ou “pensamento não ideológico” utilizado por Bell (1960). Estas expressões se referirem àquilo que é contrário à ideologia ou que faz oposição a ela, e, às vezes, utilizam-se todos estes termos como se fossem sinônimos. Certamente não cabe aqui polemizar acerca do uso desta ou daquela terminologia, mas sim esclarecer o uso do termo “desideologizante”.

Ao afirmarmos a função desideologizante da Pedagogia Histórico-Crítica, tomamos como pressuposto a concepção marxiana e engelsina de ideologia em detrimento ao conceito que se tornou hegemônico nas ciências sociais e, conseqüentemente, na educação. Esta concepção marxiana que explicita o modo como o pensamento ideológico é produzido, foi sintetizada por Chauí da seguinte forma:

[...] em termos do materialismo histórico e dialético, é impossível compreender a origem e a função da ideologia sem compreender a luta de classes, pois a ideologia é um dos instrumentos da dominação de classe e uma das formas da luta de classes. A ideologia é um dos meios usados pelos dominantes para exercer a dominação, fazendo com que esta não seja percebida como tal pelos dominados (Chauí, 2008, p. 79).

E prossegue dizendo:

A ideologia é o processo pelo qual as ideias da classe dominante tornam-se ideias de todas as classes sociais, tornam-se ideias dominantes [...]. A ideologia consiste precisamente na transformação das ideias da classe

dominante em ideias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também domina no plano espiritual (das ideias) (Chauí, 2008, p.85).

É a partir desta concepção de ideologia que utilizamos a palavra desideologização, a fim de nos referir ao processo coletivo, gradual e organizado de desfazimento do pensamento ideológico.

O termo “desideologizar” é encontrado nas obras de alguns pensadores. Para este momento, traremos a contribuição de dois deles: Ignacio Martín-Baró (2017) e Antônio Joaquim Severino (1986).

O primeiro, é uma das grandes referências da Psicologia Social. Em seu texto intitulado *A desideologização como contribuição da Psicologia Social para o desenvolvimento da democracia na América Latina* escrito em 1985, o autor debate a função da psicologia frente aos movimentos ditatoriais que rondavam os países latino-americanos. Martín-Baró afirma que a ideologia cumpre a função de ocultar e justificar a realidade com o objetivo de perpetuação das relações de poder e que a psicologia social deve contribuir para a desideologização, a fim de que as pessoas conheçam a realidade para transformá-la. Ele afirma:

Diante dessas formas ideológicas que justificam a situação de opressão fazendo referência a Deus ou à segurança nacional, cabe à Psicologia Social a tarefa de desideologizar. Desideologizar significa desmascarar o senso comum alienador que acoberta os obstáculos objetivos ao desenvolvimento da democracia ou que os converte em algo aceitável para as pessoas (Martín-Baró, 2017, p. 62).

Martín-Baró foi um psicólogo militante de El Salvador que lutava contra o governo ditatorial de seu país e na América Latina durante as décadas de 1970 e 1980. O autor afirma que a ideologia é uma das principais causas da apatia do povo diante de uma ditadura, pois ela o convence de que as relações de violência e de profunda exploração são naturais e, assim, ofusca a perspectiva de um futuro diferente.

No campo da educação, um dos grandes estudiosos da filosofia da educação no Brasil também trata sobre o caráter desideologizante que a educação pode exercer. Em sua obra *Educação, ideologia e contra-ideologia* publicada em 1986, Severino retoma os debates acerca da temática e afirma que à educação cabe uma função desideologizante, tendo como premissa a socialização dos saberes objetivos. Para ele, a filosofia desempenha um papel essencial nesse processo. Afirma:

Isto quer dizer que também a consciência humana pode desenvolver uma atividade que, no seu conteúdo específico e sem cortar suas raízes do tecido sócio-cultural, seria desideologizante, ou seja, contra-ideológica, na medida em que é capaz de denunciar as formas mascaradoras das várias formas de discurso sobre a realidade, avançando outras formas de discurso sem este mascaramento, assumindo, inclusive, a objetividade das determinações e dos condicionamentos sociais, e aceitando as limitações que daí decorrem tanto para sua própria atividade pensante, quanto para a própria condição de existir do homem. Sem dúvida, na medida em que esta reflexão denunciar o significado ideológico de um discurso- defensor dos interesses de um grupo social dominante — o novo discurso poderá estar se identificando com os interesses de grupos até então dominados, recuperando, assim, a universalidade perdida na particularidade do grupo dominante (Severino, 1986, p. 32-33).

A ideologia, para Severino, compromete a objetividade do conhecimento, transformando as ideias da classe dominante em ideias universais, sem o devido esclarecimento de suas determinações históricas, políticas e sociais. O autor pondera que seu posicionamento não é radical ao ponto de contrapor a ciência à ideologia, mas argumenta que a ciência unida à filosofia, em uma perspectiva crítica, é uma poderosa arma de combate ao pensamento ideológico.

Ao tratarmos sobre a possibilidade da construção prática e coletiva de uma teoria pedagógica que se contrapõe à lógica dominante e, portanto, que seja desideologizante e revolucionária, observamos dois pensamentos distintos entre os educadores e intelectuais da educação. O primeiro concebe a educação como redentora da sociedade, como se, por meio dela, exclusivamente, fosse possível a transformação radical da sociedade e a superação do atual modo de produção. Já a segunda concepção entende a educação como mera reprodutora das desigualdades sociais e da

lógica capitalista, e, por mais que proponha a análise crítica da sociedade, sua atuação não ultrapassa o mundo das ideias, o âmbito superestrutural, sem resultar em nenhuma ação prática de transformação da sociedade.

A Pedagogia Histórico-Crítica surge como resposta a esse sentimento de impotência e desânimo que se instaurou no cenário educacional brasileiro entre a década de 1960 e 1970. No contexto atual, mostra-se cada vez mais necessária. Não se trata de mais uma opção teórica ou de mais uma didática a ser praticada, mas de um compromisso social, político e pedagógico com a transformação da sociedade.

5. Conclusão

O tema da ideologia é permeado por contradições, discordâncias, concepções distintas. Além disso, há uma certa falta de clareza sobre o que de fato caracteriza o pensamento ideológico. O desafio se torna ainda maior quando nos propomos a vincular um dos temas mais complexos das ciências sociais à educação, e buscamos identificar os elementos ideológicos que, direta ou indiretamente, compõem a concepção hegemônica de educação na atualidade.

Por essa razão, procuramos demonstrar, ainda que brevemente, o percurso histórico do conceito de ideologia e o salto qualitativo dado por Marx e Engels no desenvolvimento desta temática em suas obras. Não por acaso, a partir da obra marxiana, os debates sobre a ideologia se ampliaram exponencialmente.

Ideologia, em Marx e Engels, não é qualquer tipo de saber ou concepção de mundo. Possui um viés de classe e de dominação. Trata-se de um conjunto de ideias oriundas da classe dominante cujas características são: 1) A compreensão invertida de uma realidade invertida; 2) A naturalização das relações sociais eliminando o seu caráter histórico; 3) A justificativa dos elementos de contradição como a desigualdade, a fome, a miséria, a violência entre outros; 4) O obscurecimento e, portanto, o ocultamento da verdade e das múltiplas determinações que resultam na atual forma de organização social; 5) A apresentação de interesses particulares (no caso, os da burguesia), como se fossem universais.

Sendo, pois, a PHC uma teoria pedagógica fundamentada no materialismo histórico-dialético e tendo em vista os seus pressupostos históricos, políticos e filosóficos, fica evidente a sua perspectiva anti-ideológica, ou, como preferimos utilizar, sua função desideologizante.

Contudo, na Pedagogia Histórico-Crítica, é a prática social que demarca o início e o final de sua metodologia. O conhecimento restrito ao mundo das ideias não implica em transformação social, e, portanto, não possui força alguma contra a ideologia. Saviani afirma que a alteração objetiva da prática só pode se dar a partir da nossa condição de agentes sociais ativos e reais, e que a educação não transforma de modo direto e imediato, mas de modo indireto e mediato, isto é, agindo sobre os sujeitos da prática (Saviani, 2021, p. 58).

Portanto, a educação comprometida com a transformação da prática social é aquela capaz de contribuir com o processo de desideologização, não substituindo uma fraseologia por outra e nem se contentando em armazenar conhecimento em nome de uma pseudo-intelectualidade, mas sim com um compromisso prático, político, pedagógico e social com a superação da sociedade de classes.

Referências

CHAUI, Marilena de S. O que é ideologia. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere: volume 3 – Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

IASI, Mauro. Alienação e ideologia: a carne real das abstrações ideais. In: _____. Marx e a dialética da sociedade civil. Marília: Oficina Universitária, 2014. p. 95-124.

IASI, Mauro. Consciência e ideologia: para além dos muros de pedra. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2022.

KONDER, Leandro. A questão da ideologia. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LÊNIN, Vladimir. Carta a la “Unión del Norte del POSDR”. Obras completas, v. 6. Madrid: Akal, 1976.

LOWY, Michael. As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LOWY, Michael. Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Crítica e libertação na psicologia: estudos psicossociais. Petrópolis: Vozes, 2017.

MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política. 2. ed. São Paulo: Estampa, 1973.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. Tradução de Rubens Enderle; Nélío Schneider; Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857–1858. Tradução de Mario Duayer; Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Livro I. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. Salário, preço e lucro. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

ORSO, Paulino José. Pedagogia histórico-crítica: uma introdução. Revista Gesto-Debate, v. 7, n. 1, p. 1-30, 2023.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia. 44. ed. São Paulo: Autores Associados, 2021.

SAVIANI, Dermeval. Marxismo e pedagogia. Revista Histedbr On-line, Campinas, n. especial, p. 16-27, abr. 2011.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 12. ed. Campinas: Autores Associados, 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Educação, ideologia e contra-ideologia. São Paulo: EPU, 1986.

SILVA, Maycon Henrique da. Pedagogia histórico-crítica: uma teoria pedagógica desideologizante. 96 f. 2025. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Nível de Mestrado e Doutorado (PPGE), Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/897>. Acesso em: set. 2025.

Editor Responsável: Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira

Recebido/Received: 05.01.2026 / 05.01.2026

Aprovado/Approved: 26.01.2026 / 01.26.2026